

---

# A venda do desejo: A representação social da prostituição

---

Bárbara Magalhães Martins Mendanha Basquerotto, Joacylanny Silva Araújo, Viviane Maria Da Silva Coelho, Daniela Cristina Campos, Kátya Alexandrina Matos Barreto Mota

## RESUMO

O fenômeno da prostituição existe desde os primórdios da humanidade e é tributário da forma como se constrói a visão de corpo e sexualidade em uma época e também da moral vigente. Este estudo pretendeu compreender a representação social da prostituição sob a perspectiva de profissionais do sexo e de representantes da população. Os participantes responderam a um questionário que foi analisado posteriormente por meio da técnica de análise de conteúdo. Ao término da pesquisa foi observado que a representação social da prostituição por parte da população é de que essa profissão é ruim, vergonhosa e desprezível. Por parte das profissionais foi notório a experiência ambivalente vivenciada na profissão, ora prazer pelos benefícios financeiros proporcionados pela atividade, ora pela condição de vergonha que a sociedade atribui às prostitutas.

**Palavras-chave:** prostituição; representação social; trabalhadoras do sexo; prazer; preconceito; vergonha.

## INTRODUÇÃO

De acordo com a Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC, 2001), calcula-se que o Brasil tenha cerca de 1,5 milhões de pessoas, entre homens e mulheres, que vivem em situação de prostituição. O Centro de Educação Sexual - CEDUS, uma ONG (Organização Não Governamental) que trabalha com garotas e garotos de programa do Rio de Janeiro e Niterói, estima que a maioria dessas pessoas se prostitui para sobreviver e guarda a esperança de encontrar um grande amor e mudar de vida (Ceccarelli 2013).

A compreensão dessas vivências, é cientificamente relevante, pois o presente estudo será útil no sentido de contribuir para a compreensão das representações sociais de profissionais do sexo, bem como do processo de construção do estigma que circunscreve essa profissão. Por meio de um posicionamento crítico diante da realidade social dessas mulheres busca-se contribuir para a produção de conhecimento que viabilize políticas públicas para melhores condições de saúde e de trabalho para essas profissionais. Sendo assim, esse estudo visa investigar as representações sociais sobre a prostituição, do ponto de vista das prostitutas e de representantes da população goianiense, como também identificar as razões e as motivações para a entrada e permanência na prostituição, e investigar o conhecimento das pro-

fissionais do sexo a respeito de leis e de políticas públicas que as beneficiem.

É consenso entre os autores Silva (2010), Ceccarelli (2013), Burbulham et al. (2012), Lopes et al. (2007) e Afonso (2014) que a principal motivação para a entrada e permanência na prostituição são fatores econômicos. Em contrapartida, estudos feministas (Silva et al. 2015) indicam que nem sempre o principal fator é o econômico, por vezes o interesse é experimentar novas práticas sexuais e também uma atitude de resistência frente a um padrão de moral sexual.

## METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida foi de caráter qualitativo.

Participantes:

Para a realização deste estudo foram entrevistadas dez profissionais do sexo que trabalham em diferentes regiões de Goiânia e dez cidadãos goianienses. Os critérios de inclusão para o primeiro grupo foram consideradas, mulheres, profissionais do sexo atuantes no momento da pesquisa, maiores de 18 anos, sem comprometimento cognitivo ou outros transtornos mentais. Para o segundo grupo foram escolhidos aleatoriamente dez pessoas de diferentes faixas etárias que foram abordados em uma instituição de ensino superior de Goiânia- Goiás e outros

setores da capital. Como critério de exclusão para o primeiro grupo, foram banidas do estudo mulheres em um contexto de exploração sexual e abuso de substâncias no momento da pesquisa. E para o segundo grupo, sujeitos que tinham feito uso de entorpecentes no momento da pesquisa.

**Instrumentos:**

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados um gravador de voz, canetas, papel e dois roteiros de entrevista semiestruturados com base na literatura pesquisada que foram elaborados para o estudo contendo cinco questões cada um deles.

**Procedimentos:**

Após a identificação dos participantes foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e foi dado início as entrevistas. Estas foram realizadas nos locais de trabalho das profissionais e

para os demais participantes as entrevistas foram realizadas na instituição de ensino superior escolhida, em uma igreja de um setor periférico de Goiânia e em outros setores da capital. O conteúdo coletado foi analisado por meio da técnica de análise de conteúdo (Bardin 2006).

**Ética:**

Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedeceram aos padrões éticos estabelecidos na resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Considerando que todo o progresso e seu avanço devem, sempre, respeitar a dignidade, a liberdade e a autonomia do ser humano.

**RESULTADOS**

A seguir são respondidos os objetivos, conforme descrito:

Quadro 1 - Respostas das profissionais do sexo à pergunta: “Quais os fatores que motivaram sua entrada e permanência na prostituição?”

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo de enunciações</b>	<b>Frequência</b>
Necessidade financeira	“Difícil acesso de emprego, né, e dificuldade financeira”, “É querer dar mais condições a família”.	7
Violência sexual	“Então, assim, eu tinha uns presentinhos, tal, sabe, essas coisas. E eu fui resistindo até aí, né. Ai tive alguns relacionamentos, casei, mas aquela coisa ainda ficou”.	2
Desestruturação familiar	“Família. O desprezo de uma família. Muito desprezo. Mágoa demais. Uma mãe que trocou uma filha por um homem. Abuso sexual. Eu vivi muito, demais da conta.”	1

Fonte: Pesquisa realizada pelas próprias autoras (2016)

Quadro 2 - Respostas da população à pergunta: “Por quais motivos uma pessoa pode entrar para o universo da prostituição?”

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo de enunciações</b>	<b>Frequência</b>
Dinheiro	Pode ser uma forma de adquirir bens materiais, Acho que por ‘n’ motivos, necessidade, por.. é.. necessidade financeira.	3
Desestruturação familiar	“Creio que o ramo familiar, filhos, parentes, o meio familiar, necessidade de filhos, o meio familiar é o mais responsável por isso”, “Revolta com a família”.	5
Necessidade	“Ah, envolve muita coisa, às vezes é o horário que ela pode trabalhar, às vezes ninguém sabe, mas ela inventa alguma coisa, fica próximo de casa, as vezes não tem com quem deixar o filho”, “Por vários motivos, umas são por necessidade”	2

Fonte: Pesquisa realizada pelas próprias autoras (2016)

No quadro 1, ao perguntarmos sobre os fatores que motivaram a entrada e a permanência na prostituição, o principal fator identificado foi a necessidade financeira (70%), em contrapartida, a população acredita ser a desestruturação familiar o principal fator a influenciar essas mulheres (quadro 2), citado apenas uma vez pelas profissionais do sexo. A violência sexual e o aliciamento foi o principal fator motivador para duas mulheres. Na população, nenhum dos participantes considerou este fator, acreditaram ser outras necessidades, além das financeiras, que motivam essas mulheres para entrar e permanecer na prostituição.

Quadro 3 – Respostas das profissionais do sexo à pergunta: “Quais os pontos positivos e negativos na prostituição?”

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo de enunciações</b>	<b>Frequência</b>
Dinheiro	“É só pelo dinheiro! Eu não sei se existe mulher que faz isso daqui por prazer. Eu acho que não”. “Quando eu chego em casa e meu filho pede uma coisa que eu tenho dinheiro para comprar, é bom”.	10
Riscos à integridade física	“Creio que o ramo familiar, filhos, parentes, o meio familiar, necessidade de filhos, o meio familiar é o mais responsável por isso”, “Revolta com a família”.	10

Fonte: Pesquisa realizada pelas próprias autoras (2016)

Quadro 4 – Respostas da população à pergunta: “Quais os pontos positivos e negativos você acredita existir na prostituição?”

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo de enunciações</b>	<b>Frequência</b>
Dinheiro	“Positivo é só o dinheiro, né”, “um dinheiro que pode vir de certa forma na hora, ela recebe antes de ter...”.	4
Sexual	“Eu acredito que positivo pode ter uma questão sexual dela de ter um parceiro de repente um desses que vem ser um cara que atrai elas fisicamente então ela vai ter prazer naquela relação”, “Muitas vezes ela gosta de fazer sexo com várias pessoas e muitas vezes. É isso”.	2
Reprovação Social	“Então.. negativo é aquilo que as pessoas vão falar”, “E negativo é a exposição e o preconceito”, “O negativo também é a vergonha que ela sente que ela não vai falar que profissão que ela tem, ela vai inventar outras coisas mas ela não vai falar, eu creio que a pessoa tem que estar muito bem resolvida pra falar que é uma profissional do sexo.”	3
Risco	“O risco que elas correm e por não ser uma profissão legalizada, não ter auxílio nenhum”, “negativo por questões de riscos, tanto risco de doenças, perigo por estar com pessoas que não conhecem, em locais perigosos, a noite ”	5

Fonte: Pesquisa realizada pelas próprias autoras (2016)

Quando questionadas sobre os pontos positivos e negativos da prostituição, as profissionais do sexo foram unânimes em dizer que o único fator positivo é o dinheiro. Já a população, além do dinheiro, acredita que pode existir satisfação sexual nesse trabalho. Como fatores negativos, o risco à integridade física também representou a totalidade no discurso das profissionais. Em coro com as profissionais do sexo, a população iden-

tificou o risco como o principal fator negativo. Outro dado também significativo foi a reprovação social e a vergonha que a população acredita existir no exercício laboral dessas mulheres. Na contramão desse dado, nenhuma profissional citou constrangimento ao exercer sua ocupação.

Quadro 5 – Respostas das profissionais do sexo à pergunta: “Como você acha que as pessoas que não estão no contexto da prostituição percebem a profissão?”

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo de enunciações</b>	<b>Frequência</b>
Preconceito	“Errado, uai. Crítica, xinga, maltrata, essas coisa... errado”, “Eles têm preconceito”, “Acham que somos destruidoras de lares, a realidade não é bem assim”, “é muito preconceito, te tratam feito um lixo”, “Eles acham que nós é vagabunda”	10

Fonte: Pesquisa realizada pelas próprias autoras (2016)

Quadro 6 – Respostas da população à pergunta: “O que você pensa sobre a prostituição?”

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo de enunciações</b>	<b>Frequência</b>
Escolha	“Eu vejo como, gente que escolhe uma profissão normal, só que exerce mas, não tá muito acostumado com essa profissão no nosso cotidiano né, mas eu vejo como uma profissão normal”, “Sobre a profissão prostituição? Eu acho que é uma escolha, faz uma escolha de... ela tem o livre arbítrio de escolher o que ela quer da vida dela”.	7
Necessidade	“As pessoas que não tinham oportunidade de ver coisa melhor, de ter Deus, de ter um trabalho bom, de não ter uma formação boa”, “Eu vejo como um sofrimento muito grande na vida dessas mulheres. Pra mim é sofrimento, muito sofrimento mesmo”.	2
Safadeza	“Que é uma safadeza”.	1

Fonte: Pesquisa realizada pelas próprias autoras (2016)

Quando questionadas sobre como a população percebe a profissão (quadro 5), 100% das profissionais entrevistadas responderam que a população as percebem com olhar de preconceito, pois segundo elas, xingam e criticam. Em contrapartida, 70% dos cidadãos entrevistados no quadro 6, percebem a prostituição como sendo uma escolha por uma profissão normal. Os outros 30% se dividiram entre ser uma necessidade, por não ter outras oportunidades e por último, uma participante acredita ser uma safadeza.

Quadro 7 – Respostas das profissionais do sexo à pergunta: “3. Como você definiria a sua profissão?”

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo de enunciações</b>	<b>Frequência</b>
Como uma profissão qualquer.	“Como qualquer outra, acho que é um trabalho só que meio diferente né, os homens vêm procurar coisas que as vezes eles não tem em casa, ou as vezes é por sem-vergonhice mesmo, eles gostam disso”, “Acho normal”.	7
Profissão ruim, mas que proporciona dinheiro.	“Não é uma profissão boa, boa... dá dinheiro, mas vender o corpo... isso aí nem Deus deixa, a bíblia mesmo fala. Mas eu vou fazer o que?”	1
Não sei.	“Não sei”.	2

Fonte: Pesquisa realizada pelas próprias autoras (2016)

Quadro 8 – Respostas da população à pergunta: “Como você acredita que as profissionais do sexo percebem a própria profissão?”

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo de enunciações</b>	<b>Frequência</b>
Normal	“Eu tenho uma amiga que faz, que é prostituta, ela vê como algo normal, algo que ela tá fazendo por um tempo”, “Ah, eu acho que é uma profissão normal, creio que elas acham que é uma profissão como as outras”	5
Relativo	“ Ah eu acho que cada um tem uma visão diferente, os que gostam, que estão lá porque gostam... vai depender de cada pessoa”.	2
Menos valia	“Eu acredito que elas assim... pelo que eu já vi talvez elas percebam as vezes de uma forma pejorativa mesmo ... É algumas coisas que eu já vi, eu vejo isso com uma certa tristeza, as vezes rompendo com a família com dificuldade em relação a sociedade”	2
Necessário	“ Eu acredito que chega um ponto que elas veem isso como necessário, colocando dinheiro na mesa tá tudo tranquilo”.	1

Fonte: Pesquisa realizada pelas próprias autoras (2016)

Os dois quadros representam a percepção que as profissionais do sexo e os cidadãos da população percebem a profissão. No quadro 7, com porcentagem de 70%, as profissionais enxergam como uma profissão qualquer, como um trabalho diferente, o que corresponde aos 50% da opinião da população no quadro 8, que também consideram como uma profissão normal.

Quadro 9 – Respostas das profissionais do sexo à pergunta: “Como você acha que as demais mulheres inseridas nesse contexto percebem a prostituição?”

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo de enunciações</b>	<b>Frequência</b>
Necessidade	“Mas nenhuma mulher gosta de fazer isso, normalmente é por dinheiro, por alguma necessidade que a fez estar aqui. Não acredito que fez por gostar, não. É exatamente pelo dinheiro”, “Sempre por alguma dificuldade ou talvez sonhos que o salário mínimo não pode concluir, entendeu? Pagar faculdade, muitas fazem faculdade, muitas querem ter carro, moto, casa”.	9
Cuidado	“Boa, é uma cuidando da outra aqui, né”.	1

Fonte: Pesquisa realizada pelas próprias autoras (2016)

Quadro 10 – Respostas da população à pergunta: “Como você acredita que as profissionais do sexo percebem a própria profissão?”

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo de enunciações</b>	<b>Frequência</b>
Normal	“Eu tenho uma amiga que faz, que é prostituta, ela vê como algo normal, algo que ela tá fazendo por um tempo”, “Ah, eu acho que é uma profissão normal, creio que elas acham que é uma profissão como as outras”	e
Relativo	“Ah eu acho que cada um tem uma visão diferente, os que gostam, que estão lá porque gostam... vai depender de cada pessoa”.	2
Menos valia	“Eu acredito que elas assim... pelo que eu já vi talvez elas percebam as vezes de uma forma pejorativa mesmo ... É algumas coisas que eu já vi, eu vejo isso com uma certa tristeza, as vezes rompendo com a família com dificuldade em relação a sociedade”	2
Necessário	“Eu acredito que chega um ponto que elas veem isso como necessário, colocando dinheiro na mesa tá tudo tranquilo”.	1

Fonte: Pesquisa realizada pelas próprias autoras (2016)

No quadro 9, ao perguntarmos “Como você acha que as demais mulheres inseridas nesse contexto percebem a prostituição”? Grande parte delas, (90%) responderam ser uma necessidade financeira. Em sentido oposto, no quadro 8, em resposta à pergunta “Como você acredita que as profissionais do sexo percebem a própria profissão? A população em sua maioria (50%) percebe a profissão como normal.

Quadro 11 – Respostas das profissionais do sexo à pergunta: “Você conhece leis ou políticas públicas que amparam profissionais do sexo? Você já foi beneficiada por alguma delas?”

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo de enunciações</b>	<b>Frequência</b>
Desconhecimento	Não, nenhuma, faz é tirar nós de tempo. Ah, eles vem aqui, explica as coisas, exames de prevenção, eu faço exame de ano em ano”, “Não. A única coisa que eles fazem, é passar aqui e dá camisinha”, “Não. Nem as leis, nem política nem nada. Só o governo vem, eles sempre dão camisinha, vacina logo ali na frente	10

Fonte: Das próprias autoras (2016)

Quadro 12 – Respostas da população à pergunta: “Você conhece leis ou políticas públicas que amparam as profissionais do sexo? O que pensa sobre elas?”

<b>Categoria</b>	<b>Exemplo de enunciações</b>	<b>Frequência</b>
Desconheço	“Não”.	9
Conheço	“Então.. eu já fiquei sabendo de um projeto que é psicologia de rua, que trabalham com moradores de rua, com essas profissionais do sexo auxiliando ne, falando sobre os riscos da profissão, sobre os riscos de estar na rua, de ter vários parceiros sexuais, tal ne..”	1
Necessário	“Mas seria bom pra proteger, tanto pela questão de segurança, saúde, muitas áreas que sejam interessante pra elas”, “Seria muito interessante até para resguardar elas”.	8
Desnecessário	“Eu acredito ser um absurdo.”	2

Fonte: Das próprias autoras (2016)

No quadro 11, em resposta à pergunta “Você conhece leis ou políticas públicas que amparam profissionais do sexo? Você já foi beneficiada por alguma delas?” As profissionais do sexo foram unânimes, e responderam não ter conhecimento, e nunca foram beneficiadas por nenhuma delas. No quadro 12, por sua vez, em resposta à pergunta, “Você conhece leis ou políticas públicas que amparam as profissionais do sexo? O que pensa sobre elas?” A resposta da população está em consonância com das profissionais do sexo, sendo que a grande maioria (90%) disseram não ter conhecimento sobre políticas públicas que amparam essas mulheres. Ao serem indagados a respeito do que pensa sobre as leis, (80%) da população responderam que é necessário e (20%) disseram ser um absurdo.

## DISCUSSÃO

Os quadros 1 e 2 evidenciam a discordância entre os reais motivos de entrada e permanência na

prostituição e o imaginário da população entrevistada entorno do fenômeno. De acordo com 100% das profissionais entrevistadas, o principal fator motivador para a entrada e permanência, é o dinheiro. Ceccareli (2013) e demais autores citados na presente pesquisa confirmam este dado, sobre a relevância do fator econômico na inserção dessas mulheres no contexto da prostituição. As pesquisadoras investigaram três universos distintos da prostituição em Goiânia, duas zonas de prostituição de baixo custo, em que tanto as profissionais, quanto os clientes têm níveis socioeconômicos baixo. E uma zona intermediária onde as profissionais e os clientes apresentam um nível socioeconômico mais alto, entretanto se encontram no contexto das ruas.

As profissionais das zonas intermediárias e de baixa renda foram unânimes quanto a motivação do fator econômico, porém, observou-se que a finalidade para o dinheiro era completamente diferente. As mulheres da zona intermediária tinham como objetivo comprar casa, carro, viagens ou terminar

uma graduação, além disso, era perceptível o cuidado para com a própria imagem por meio das vestes, acessórios, procedimentos estéticos, cabelos e pele. Já as mulheres que estavam em áreas menos favorecidas não tinham muitos cuidados para com a própria imagem e pretendiam sustentar a casa e os filhos, ou fugir de um trabalho anterior em que tivessem sido abusadas. Como na fala a seguir, “já trabalhei em casa de gente bem de situação que abusou de mim, já tentaram me estuprar e eu falava e ninguém acreditava”.

No quadro 2, que se refere a opinião da população sobre quais os motivos que levariam uma pessoa a se prostituir, a maioria dos entrevistados responsabilizaram a família pela condição dessas mulheres, relatando que a desestruturação familiar é fator determinante para a entrada na prostituição. Cabe ressaltar que o fenômeno da prostituição é multicausal, influenciado por inúmeras variáveis, tais como fatores socioeconômicos, nível educacional, violência, questões familiares e o modelo econômico vigente. Portanto, é uma ideia reducionista responsabilizar apenas a família pela condição dessas mulheres (Bottelho & Ferriani 2004).

Quando questionadas sobre os fatores positivos e negativos da prostituição, os resultados da população e das profissionais do sexo foram consonantes em citar o risco à integridade física como fator negativo, no entanto, se fazem presente de forma proeminente apenas na prostituição de baixo custo, como a fala a seguir: “Os homens são muito agressivos, te xinga, te maltrata”. Já na zona intermediária, esse risco se apresenta como medo, mas a vivência de violência é menos frequentes. O dinheiro foi citado como o único fator positivo. Entretanto, a população ressaltou a vergonha que essas mulheres deveriam sentir pelo seu exercício laboral, tal como a fala a seguir: “O negativo também é a vergonha que ela sente, ela não vai falar qual profissão que ela tem, ela vai inventar outras coisas mas ela não vai falar” porém, as mulheres não citaram isso como um fator negativo.

Percebe-se na opinião da população que, de fato, a prostituição entra no rol dos grupos estigmatizados, pois a representação dessas mulheres para a população é de que a prostituição é ruim e vergonhosa. Quando Goffman (1981) nos apresenta os três grandes grupos estigmatizados, em que a prostituição é encaixada como sendo um desvio de caráter, no qual a sociedade acaba delimitando as possibilidades de ação desse sujeito estigmatizado, anulando os traços e as qualidades, tendo o foco apenas no comportamento que foge a norma, no caso, o comportamento sexual.

Nussbaum citado por Guimarães and Hamann (2005) ressaltar dois fatores que podem ser a gênese do estigma imputado às prostitutas: um que compara e correlaciona a prostituição a uma moralidade dominante, encaixando-a no grupo das imoralidades. O outro, parte do viés da representação de que a mulher e sua sexualidade precisam da dominação masculina, associada as representações hierárquicas de gênero.

Entretanto, alguns representantes da população ainda acredita existir satisfação sexual na vida dessas mulheres. Em um momento informal após a pesquisa, uma das profissionais do sexo relatou que de fato existe satisfação sexual com alguns parceiros, citando, inclusive, que em quase todos os programas consegue atingir o orgasmo. Apesar de ser pouco representativo, esse dado entra em acordo com as ideias de Leite (2009), que acredita que a prostituição pode ser uma fonte de empoderamento e satisfação sexual para essas mulheres.

Um dado relevante elucidado pela pesquisa diz respeito a percepção das pessoas quanto as práticas das profissionais do sexo. A maior parte da população diz ser algo normal ou uma profissão como outra qualquer. No entanto, ao final e após a entrevista era notório que, devido a tendência dos indivíduos a buscarem comportamentos socialmente aceitos, suas opiniões eram divergentes das primeiras respostas. Tal como a fala a seguir: “...elas não tinham oportunidade de ver coisa melhor, de ter Deus, de ter um trabalho bom, ... não critico não”. Já ao final da entrevista: “...tem muitos lugares aí sem trabalho, isso pra mim é uma pouca vergonha, não é?” No que se refere ao conhecimento da população e das profissionais sobre as políticas públicas existentes para essa categoria, observou-se o desconhecimento geral quanto ao que seja políticas públicas. As profissionais foram unânimes em dizer que não eram beneficiadas por política pública alguma, entretanto, após algum momento, todas falaram que frequentemente recebiam instruções quanto a prevenção de DSTs e AIDS, recebiam preservativos e tinham acesso prioritário em postos de saúde. Percebe-se que essas mulheres não têm conhecimento sobre o que sejam políticas públicas, mesmo usufruindo de tal, como o exemplo a seguir: “Não, nenhuma, faz é tirar nós de tempo. Ah, eles vem aqui, explica as coisas, exames de prevenção, eu faço exame de ano em ano”.

Observou-se que as políticas de prevenção à DSTs e AIDS de fato têm alcançado seu objetivo de conscientização dessas mulheres sobre os riscos a que estão sujeitas e tem oferecido dispositivos de prevenção a categoria. Entretanto, destacou-se o fato

de que as políticas públicas existentes se concentram apenas na prevenção de doenças, abstraindo todo o contexto que não diz respeito ao corpo. É importante ressaltar que esta concepção da prostituta como disseminadora de doenças sexualmente transmissíveis teve seu início na década de 1980, quando a prostituta foi incluída no grupo de risco de propagação de doenças (Guimarães & Hamann 2005).

Este risco de propagação de fato existe, entretanto, as políticas públicas se concentram apenas neste fator, desconsiderando a condição da mulher prostituída, não abarcando suas necessidades enquanto sujeito. Como aponta Botelho and Ferriani (2004), que explicita a necessidade de criação de políticas públicas voltadas para a questão da cidadania, como educação, cultura, habitação, etc.

A atuação dos profissionais da psicologia frente à mulheres prostituídas tem sido constituído por meio do diálogo entre a psicologia social e a saúde pública. O trabalho é pautado nos três níveis de atenção à saúde: primário, com foco em políticas públicas de psicoeducação voltadas para formas de prevenção a AIDS e DSTs, secundário, com a identificação do problema e encaminhamento a equipe multidisciplinar e o terciário, que é o tratamento. Junto a equipe, o psicólogo atua com atividades integradas por meio de grupos focais e, se necessário, com psicoterapia individual.

Foi evidente o quanto os estudos da atuação do psicólogo repete o padrão citado anteriormente, que são voltados apenas para as condições de saúde das profissionais, não abrangendo a integralidade necessária para lidar com esse contexto. A psicologia, enquanto ciência do cuidado, pode atuar no processo de acolhimento, da escuta cuidadosa, atenta e livre de julgamentos, do processo de autoconhecimento da subjetividade dessas mulheres e também de proporcionar ampliação da visão de possibilidades frente ao contexto da prostituição.

Foi constatado que a representação que as profissionais do sexo compartilham a respeito de suas vivências e profissão, demonstram claramente a experiência ambivalente vivenciada na prostituição. Se por um lado, é considerada um exercício rentável, por outro, a estigmatização que é vivenciada dentro e fora da classe, no espaço público e no privado dessas mulheres evidenciam o quanto a vivência de se prostituir é dolorosa para elas. A sexualidade que dialoga com a subjetividade já estigmatizada dessas profissionais, passa a ter uma vivência adoecida, de autodesvalorização. Esta ambivalência é notória também no discurso da população, que ora considera uma escolha normal, ora deprecia a atividade de

se prostituir.

O presente estudo permitiu às pesquisadoras um conhecimento verticalizado a respeito do universo da prostituição, este fenômeno multidimensional e complexo possibilitou crescimento tanto pessoal quanto acadêmico, pois foi notório o quanto este universo é marginalizado até mesmo dentro da academia. Foi possível apreender as diversas realidades do que, até então, parecia ser um universo homogêneo. Conhecer as diversas faces da prostituição é de fundamental importância, pois só a partir daí, pode-se, de fato, permitir que a prostituição seja uma escolha individual, e não uma necessidade.

A metodologia utilizada neste estudo se mostrou correspondente às necessidades da pesquisa. Recomenda-se para futuros estudos que a amostra pesquisada seja mais abrangente, pois, devido a característica heterogênea do universo da prostituição, a maior quantidade de profissionais permitiria ter o acesso a outras necessidades e uma compreensão mais totalizadora do fenômeno.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, M. L. REGULAMENTAR PARA QUÊ (M)? AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROSTITUTAS SOBRE A REGULAÇÃO DA “PROFISSÃO”, 2014.
- BARDIN, L. ANÁLISE DE CONTEÚDO. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977) 2006.
- Burbulhan F, Guimarães R. M., Bruns M. A. Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. *Psicol. estud.* vol.17 no.4 Maringá Oct./Dec. 2012
- ARAÚJO, J. N. G.; CARRETEIRO, T. C. (Orgs.) – cenários sociais e abordagem clínica. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: FUMEC, 2001.
- CECCARELLI, P. R.. PROSTITUIÇÃO – CORPO COMO MERCADORIA Disponível em: [http://ceccarelli.psc.br/pt/?page\\_id=157](http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=157), 2013.
- GUIMARÃES, K; MERCHÁN-HAMANN, E. COMERCIALIZANDO FANTASIAS: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA PROSTITUIÇÃO, DILEMAS DA PROFISSÃO E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA. *Estudos feministas*, p. 525-544, 2005.
- GOFFMAN, Erving. ESTIGMA: NOTAS SOBRE A MANIPULAÇÃO DA IDENTIDADE DETERIORADA. 1891.

LEITE, G. FILHA, MÃE, AVÓ E PUTA. Editora Objetiva, 2009.

SILVA, L. C.; JUSTO, J. S; PERES, W. S. TERRITÓRIOS MARGINAIS DOS DESEJOS: DISSIDÊNCIAS, RESISTÊNCIAS E PROSTITUIÇÃO FEMININA. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, p. 184-199, 2015.

SILVA, E. F.; COSTA, D. B.; NASCIMENTO, J. U. O TRABALHO DAS PROFISSIONAIS DO SEXO EM DIFERENTES LÓCUS DE PROSTITUIÇÃO DA CIDADE. Psicologia : Teoria e Prática, v. 12, n. 1, p. 109-122, 2010.

LOPES, C. S; RABELO, I. V. M; PIMENTA, R. P. B. A BELA ADORMECIDA: ESTUDO COM PROFISSIONAIS DO SEXO QUE ATENDEM À CLASSE MÉDIA ALTA E ALTA NA CIDADE DE GOIÂNIA. Psicologia & sociedade, v. 19, n. 1, p. 69-76, 2007.

BOTELHO, S. M. N; FERRIANI, M. G. C. PROSTITUIÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: INTERFACES COM A INSTITUIÇÃO FAMILIAR. Revista Brasileira de Enfermagem (DF), 2004.